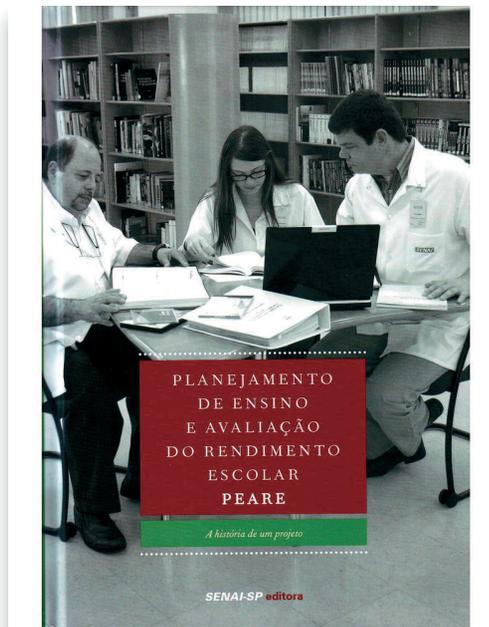


## RESENHA DA OBRA



**DEPRESBITERIS, Léa. Planejamento de ensino e avaliação do rendimento escolar (Peare): a história de um projeto. São Paulo: Senai-SP Editora, 2012, 212 p.**

Todos os projetos têm uma história. Alguns começam bem e terminam mal, outros começam desastrosamente e são presenteados com um final feliz, contrariando o ditado popular que procura nos fazer crer que “pau que nasce torto, morre torto”. Qual será a história que Léa nos conta em seu livro? Por que ela nos quis contá-la? Foi fruto de uma catarse que a libertaria da saudade de um caminho percorrido com alegria ou do sofrimento presente causado por dores que deveriam ter ficado para trás?

O projeto acerca do qual a autora conta a história foi desenvolvido em meados de 1980 e envolve, entre outros, um processo especialmente valorizado no momento atual: a participação. Esse processo, que hoje se desencadeia de forma extremamente ágil graças à tecnologia centrada nas redes sociais de comunicação, já estava presente há cerca de 30 anos, buscando, por meio da representatividade, entender anseios e necessidades de educadores e educandos que interagem construindo um caminho de formação profissional. Nessa obra, a autora resgata aspectos de um projeto que provocou mudanças e que inspirou novas

experiências educacionais. E rever um projeto depois de décadas permite não só o distanciamento crítico, que favorece análise mais acurada, mas também reviver emoções experimentadas ao longo de seu desenvolvimento.

Quem conta a história é Léa Depresbiteris. O sobrenome pomposo contrasta com a pessoa simples, criativa, alegre, divertida, solidária, curiosa e batalhadora que o carregou por 66 anos. Quem a conheceu sabe que ela era mais Léa do que Depresbiteris e que partilhava tudo o que sabia e conquistava. Escolheu ser educadora e construiu, na educação, seu caminho. Profundamente respeitosa, acreditava que o caminho da educação não é construído individualmente. Talvez essa crença a tenha feito aceitar o desafio de contar e avaliar a história do projeto inovador Peare, sigla extraída de Planejamento de Ensino e Avaliação do Rendimento Escolar, e registrá-la como representante de uma equipe competente e comprometida do Senai-SP dos anos 80 do século passado.

Léa começa seu relato com um provérbio africano: *"cada velho que morre é uma biblioteca que se queima"*. Quanta ironia nessas palavras, se considerarmos que o registro dessa história constitui a última obra escrita por ela. Ao fazê-lo, evitou que essa parte de sua biblioteca fosse destruída, permitindo-nos o acesso às circunstâncias, aos "porquês" e "para quês" e aos "como" do esforço de uma equipe de educadores em busca da concretização de um projeto que marcou profundamente a instituição de educação profissional.

Léa inicia a história introduzindo o leitor no contexto em que o Peare foi gerado. A contextualização convida o leitor a preencher espaços desse tempo com as próprias lembranças. Ela cita um filme, o leitor procura em sua memória outro que também caracterize aquele momento; uma música citada leva a vasculhar recordações. Ampliando a contextualização, o relato de fatos na década de 1980 leva o leitor a perguntar-se: eu participei disso? Onde eu estava quando isso aconteceu? Enquanto o leitor procura responder às próprias perguntas, Léa o leva a centrar sua atenção no contexto da formação profissional do Senai-SP daquela época. Explicita a insatisfação docente com a avaliação da aprendizagem, o reconhecimento de que planejamento de ensino e avaliação da aprendizagem não podiam continuar sendo trilhas independentes. Encarar o planejamento e a avaliação como faces da mesma moeda, como um processo único, beneficia educadores e educandos e permite compreender que os resultados da aprendizagem interferem necessariamente no ensino e vice-versa.

A autora mostra como a dinâmica estabelecida e orientada por esse pressuposto alterou a participação de todas as equipes da administração central e das escolas. Essa dinâmica introduz uma configuração

multifacetada, com a contribuição de todos no processo de formação profissional. Da voz dos educadores das escolas faz emergir questões até então ignoradas pela administração central.

A introdução do componente *participação* no contexto ampliou o foco do projeto e exigiu a adoção de um referencial que ajudasse a compreendê-lo e que permitisse nele intervir de forma mais adequada. A escolha da base teórica a partir de Bordenave e de seus estudos sobre o processo de participação influenciou as escolhas diante das circunstâncias e ajudou na reconfiguração do contexto favorecendo a oportunidade de interferência dos educadores de instâncias diferentes para o desenvolvimento das atividades educacionais.

O processo de diagnóstico da situação, baseado em Juan Diaz Bordenave, favoreceu a participação dos educadores das escolas não como objetos de pesquisa, mas como agentes do que estava sendo diagnosticado. Esse processo envolveu um total de 1.648 profissionais, entre assistentes de direção, instrutores-chefes, docentes, orientadores educacionais e responsáveis pelos cursos noturnos das escolas. Focando a pesquisa, Léa registra que ela foi desencadeada por meio de questionários e entrevistas que privilegiavam as dificuldades de avaliação enfrentadas pelas escolas por nelas residir a maioria dos problemas que deram origem ao projeto.

Os resultados da pesquisa apontaram para necessidade de: (a) desfocar a avaliação como meio de aprovar/reprovar alunos, tornando-a um processo para identificar se os objetivos foram ou não alcançados e de motivação dos alunos para a aprendizagem; e (b) integrar, na avaliação da aprendizagem, os componentes *conhecimentos*, *habilidades* e *atitudes*. Além disso, os resultados contribuíram para estabelecer indicadores de avaliação para os componentes curriculares de diferentes ocupações profissionais e disciplinas da parte comum. A partir desses dados, foi possível viabilizar diretrizes para nortear o planejamento de ensino e a avaliação do rendimento escolar na formação profissional do Senai-SP.

No terceiro capítulo da obra, a autora apresenta as 27 diretrizes estabelecidas pelo Peare baseadas nos pressupostos de evitar restrições à ação docente e de promover a desburocratização dos processos educacionais. Parte das duas dimensões educacionais consideradas complementares, planejamento e avaliação, e as insere em um processo de concepção de educação adotada pela instituição. Planejamento e avaliação constituem um processo sistemático e contínuo que ocorre em três diferentes níveis (educacional, curricular e de ensino) e que se assenta em objetivos que visam à melhoria e ao reforço da aprendizagem.

A seguir, a apresentação converge para a aprendizagem, caracterizada como um processo ativo, viabilizado pelo diálogo entre educador e educando, e que se apoia em três pilares: aprender a fazer, aprender a aprender e aprender a ser. No planejamento do ensino, a autora destaca o caráter de atividade reflexiva orientada por objetivos que contemplam duas dimensões dos conteúdos abrangidos (extensão e profundidade) e enfatiza que a redação (preocupação com o uso de verbos precisos) não deve restringir as possibilidades pedagógicas dos docentes.

Com relação à avaliação do rendimento escolar, as diretrizes destacam o caráter de orientação, apoio e assessoria educacional em detrimento da punição ou como decisão final sobre o desempenho discente. Com relação à recuperação da aprendizagem, apresenta a importância do papel da equipe escolar para evitar o desestímulo que a retenção provoca nos educandos. As diretrizes, em resumo, são voltadas para as atitudes inerentes ao trabalho educacional em

que o plano de ensino é encarado como instrumento de orientação docente, um meio para alcançar fins educacionais e não um fim em si mesmo.

As sugestões de operacionalização das diretrizes são apresentadas por meio de nove procedimentos pedagógicos, descritos e acompanhados de exemplos de modularização de cursos, com base em objetivos gerais e específicos, de identificação de conteúdos e de seleção de estratégias, entre outros. Como não poderia ser diferente, a autora se detém em sugestões sobre avaliação da aprendizagem destacando instrumentos e técnicas mais adequados a uma abordagem por critério.

Léa destaca, em um capítulo especial, a capacitação dos educadores, considerada pela equipe como o coração do Peare. Nesse capítulo IV, a decisão de abordagem incidiu sobre os temas em torno dos quais o processo aconteceu. Esses temas, como ela registra, foram desenvolvidos por meio de dinâmicas que possibilitaram o exercício da participação por meio da exposição de ideias, da prática da escuta e da aplicação dos conhecimentos em exemplos concretos. Dos seis temas selecionados, o primeiro dizia respeito à filosofia educacional do Senai em que foram discutidos aspectos como conceito de formação profissional e a distância entre o discurso e a prática educativa característica da instituição naquele momento. Passando pela dimensão curricular das disciplinas e ocupações dos cursos da instituição e pelo que seus educadores entendiam por aprendizagem, a capacitação chegou aos temas referentes às relações entre planejamento de ensino e avaliação. O envolvimento dos educadores foi tal que, em depoimentos à autora, muitos afirmaram que as discussões iniciadas em sala de aula acerca dos temas se estendiam para além dela, muitas vezes, até altas horas da noite.

Avançando na história, a autora registra a atitude prudente da equipe do Peare ao decidir que antes de sua implantação definitiva seria aconselhável uma aplicação em situação controlada. Essa decisão levou a equipe a propor a realização de um estudo de caso, abrangendo 10 das mais de 50 escolas distribuídas por todo o estado de São Paulo, e envolvendo cerca de 250 profissionais e mais de 150 alunos. A análise do relato no capítulo V permite inferir a adequação da decisão tomada e os seus benefícios, pois a partir da aplicação experimental foram realizadas providências para as devidas correções de percurso, e o projeto pôde ser implantado em todas as escolas, garantindo melhores resultados.

Antes de finalizar a história, Léa brinda o leitor com uma simulação criativa e extremamente interessante, em que assume o papel de entrevistadora do personagem Peare. Faz perguntas acerca do papel inspirador que ele assumiu na instituição e de como percebeu a integração teoria/prática no cotidiano das escolas. As respostas do personagem propiciam outro olhar sobre o projeto, com a experiência de quem vivenciou inúmeros outros projetos ao longo dos últimos 30 anos.

Nas considerações finais, Léa reconhece a importância do conhecimento, mas destaca a necessidade da educação se preocupar em desenvolver valores “não como uma preocupação moral, mas ética”. O fim retoma o início do livro, citando não um provérbio africano, mas um sábio ilustre, Martin Luther King: “Ou aprendemos a viver como irmãos ou vamos morrer juntos como idiotas”.

### **Consuelo Teresa Fernandez**

Mestre em Tecnologia Educacional pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), especialista em educação a distância.

E-mail: consufer@uol.com.br